

Sumário

O objectivo desta dissertação é analisar as relações luso-rodésianas, sendo especialmente analisado o modo como o governo português apoiou o governo segregacionista de Ian Smith, como linha de acção estratégica de apoio à manutenção de Moçambique. O apoio a Smith representa um claro exemplo do esforço que colocava na manutenção dos territórios ultramarinos em África e manutenção do regime, objectivos que não eram considerados de forma separada. Apesar de habituados a olhar para Portugal como um país receptor de apoios das grandes potências, na crise rodésiana é Portugal quem concede importantes apoios. A opção política de Salazar tinha com efeito pretendido imediato impedir que o território rodésiano caísse sob controlo da maioria negra nacionalista, e aí serem criadas importantes bases de apoio aos movimentos de libertação com apoio da China e da URSS, como acontecia de forma explícita com a Tanzânia.

Após secessão da Federação das Rodésias e Niassilândia e o nascimento de dois novos países de governo nacionalista, a Zâmbia e o Malawi, o governo português não podia correr o risco de ver num país contíguo a Moçambique mais um governo negro nacionalista. Por conseguinte, para cumprir esse objectivo, o governo português fez valer o poder que a posição geográfica de Moçambique tinha sobre o *hinterland* rodésiano para apoiar Ian Smith contra o embargo económico e político e pressionar o Malawi e a Zâmbia a cooperar com Lisboa. Definido em Lisboa, no encontro entre Salazar e Smith, o apoio português acabou por auxiliar a manutenção de Smith face às pressões britânicas e lançar as bases para uma mais efectiva cooperação militar nos anos 1970 na guerra colonial em Moçambique.

Os resultados obtidos na investigação mostram o esforço desenvolvido pelo governo português em conceder apoio político-diplomático, económico e militar à Rodésia mesmo tendo como pano de fundo a hostilidade internacional, em especial da Grã-Bretanha. Os casos da acreditação de Harry Reedman em Lisboa, do descarregamento do petroleiro *Joanna V* e o aprofundamento das relações militares ao nível da troca de *Intelligence*, são paradigmáticos desse esforço e espelham bem o empenho português na sobrevivência e manutenção de Ian Smith no poder.

O trabalho está dividido em oito capítulos. Nos dois primeiros apresentam-se as condições que moldaram a atitude do governo português: a situação internacional e a importância das colónias para o Estado Novo. No terceiro capítulo apresenta-se o

caminho do aprofundamento das relações políticas entre Portugal e a Rodésia. Nos capítulos quatro, cinco e seis mostra-se como os instrumentos diplomático, económico e militar foram utilizados no apoio Smith. O capítulo sete apresenta-se os efeitos que a crise da Rodésia teve nas relações anglo-lusas. Conclui-se da investigação que a atitude do governo português foi orientada pela defesa dos interesses nacionais e levada a cabo com os instrumentos de poder nacional de uma forma sinérgica onde os responsáveis políticos tiveram importância fundamental.